

UM RÁPIDO OLHAR SOBRE NOSSO PRIMEIRO POEMA ÉPICO

Kênia Maria de Almeida Pereira¹

O poema épico *Prosopopéia* de Bento Teixeira foi publicado pela primeira vez, em 1601, e, desde então, tem suscitado os mais diversos posicionamentos críticos, com predominância de pareceres desfavoráveis. Em 1915, por exemplo, José Veríssimo, em sua conhecida obra *Estudos de Literatura Brasileira* (1915, 38) já se referia à *Prosopopéia* como poema de pouquíssimo valor literário, cujo único mérito é o fato de ser a “primeira produção literária publicada por um brasileiro”. Quanto à estrutura, chega a afirmar que o poema não passa de “imitações, arremedos e paródia d’*Os Lusíadas*”. Otoniel Mota (1937, 14) faz coro com José Veríssimo e ressalta que pode se deparar em Bento Teixeira pequenos “lampejos de inspiração”, sendo, no entanto, por demais “fugazes” e jamais existiriam se não fosse o “fulgor do épico português, que o inspirava”. Moacir de Albuquerque (1954, 119) vai mais longe ainda e afirma, categoricamente, que a *Prosopopéia* não passa de “plágio descarado e infeliz d’*Os Lusíadas*”. Já Otto Maria Carpeaux (1964) chega a eliminar tanto o poema quanto seu autor da própria Literatura Brasileira, pois, em nenhum momento, os menciona em sua *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*. Para José Guilherme Merquior (1979, 30), o poema não passa de “insípido poema épico em oitavas reais”; semelhante crítica já fizera antes Alceu Amoroso Lima (1959, 23), que via na *Prosopopéia* nada além de uma “insôssa descrição do Recife”. Secundando os demais, segue Ronald de Carvalho (1968, 78) classificando o poema de “medíocre”, acrescenta ainda que, quanto ao conteúdo, “há freqüentes indecisões na expressão” e apresenta “raras partes de boa

¹ Prof. de Teoria da Literatura no Campus de Catalão da UFG. Doutoranda em Literatura Brasileira na UNESP, São José do Rio Preto, SP.

poesia". José Aderaldo Castelo (1957, 4) aponta o caráter de "rascunho" assumido pelo poema, chamando a atenção ainda para o "pálido arremedo do maravilhoso pagão".

Em outro artigo, José Aderaldo Castelo (1960, 11) reafirma as observações anteriores, alfinetando que o poema não passa de uma "demonstração evidente de bajulação e servilismo..." Já para o poeta e crítico Manuel Bandeira (1967, 20), tanto o conteúdo quanto a forma são "um canhestro decalque das edições camonianas", ecos do que João Ribeiro (1954, 54) afirmara antes: a *Prosopopéia* é tão sem interesse, que a Literatura Brasileira não deveria principiar por ela, pois não passa de uma obra anônima, ou mesmo apócrifa.

Domingos Carvalho da Silva (1968,4) aponta o "servilismo formal e expressional" que isenta o poema de alguma importância literária. Sílvio Romero (1953, 398) não conseguiu ver no poema nada mais que "um reduzido poemeto laudatório". Antônio Cândido (1985, 27) afirma que o poema só "interessa pelo significado histórico".

No enalço dos demais, segue Celso Pedro Luft (1967, 291), considerando a *Prosopopéia* um poema "fraco", no qual não se notam "qualidades de boa poesia, inspiração e estilo". Tanto Péricles Eugênio da Silva Ramos (1959, 9) como Afrânio Coutinho (1986, 46-8) lançam mão do adjetivo "descolorido" para rotularem o poema. O primeiro afirma que a *Prosopopéia* "é uma descolorida imitação camoniana", o segundo ressalta o "excesso de referências mitológicas já descoloridas pelo uso".

Já Wilson Martins (1978, 109) chama a atenção "pelo uso desproporcionado e gratuito da Mitologia e pela imitação mecânica de uma grande obra de arte", arrematando ainda que "Bento Teixeira foi e será sempre o sub - Camões".

Finalmente, Bosi (1983, 41) menciona o poema como sendo não mais que "um primeiro e canhestro exemplo de maneirismo nas Letras da colônia", o que Massaud Moisés complementa, asseverando ser "indiscutível que se trata dum poemeto de secundária ordem"; Bento Teixeira não passa assim de um "versejador nada inspirado".

Quando nos deparamos com as críticas positivas, observamos que estas são escassas. Afonso Arinos de Melo Franco (1944, 84), por exemplo, dá início ao estudo da *Prosopopéia* lembrando a importância da obra ao fugir à inspiração mística e metafísica que já tornara lugar comum com os jesuítas, complementando que o poema traz "a marca da criação brasileira, reflete literariamente as paixões dos homens e da

vida humana...” O historiador Pedro Calmon (1959, 370) observa que Bento Teixeira usou de “originalidade brasílica” ao tentar elogiar Pernambuco e não Portugal. Já Antônio Soares Amora (1959, 5) introduz comentários de ordem intertextual, chamando a atenção para o fato de que se Bento Teixeira imitou Camões, tal procedimento se deu dentro dos preceitos da imitação clássica.

Gilberto Freyre (1927, XX) enxergava no poema “o nosso começo de poesia brasileira da boa”. Gilberto de Mendonça Teles (1979, 103) ressalta a importância dos elementos novos que constituem o poema, não sendo o mesmo apenas uma cópia servil de *Os Lusíadas*. J. Galante de Sousa (1972, 1-3) chama a atenção para que se façam novos estudos sobre o poeta e seu poema, já que “durante quase dois séculos, a partir de Barbosa Machado, trabalhou a imaginação sem peias na construção da biografia do poeta”.

Por outro lado, Sônia Siqueira (1972, 467), em um detalhado trabalho sobre a *Prosopopéia*, conclui afirmando que Bento Teixeira, graças a sua inteligência e perspicácia na construção de um poema cripto-judeu, conseguiu enganar o Santo Ofício. O comentarista do texto de capa de *Prosopopéia*, edição de Celso Cunha e Carlos Durval (1977), chama a atenção para o fato de que se Bento Teixeira “odedeceu a muitas lições do grande vate português, não é menos verdade que também discordou no nível da concepção poética”. Luís Roberto Alves (1983,5) argumenta sobre a “necessidade da reconstrução de vários momentos da vida do poeta para melhor compreensão do poema *Prosopopéia*, como também porque essa obra apresenta situações históricas mensuráveis”. Júlio Aldinger Dalloz (1982,6), em três interessantes artigos, aponta na *Prosopopéia* algumas características maneiristas, reafirmando assim a opinião de Eduardo Portela “sobre a necessidade de introduzir-se a categoria maneirismo na literatura brasileira”. Rogério Chociay (1991,17-13), em estudo sobre a versificação da *Prosopopéia*, chama a atenção para os versos em que Bento Teixeira foi perspicaz na escolha das rimas e das sonoridades, bem como no arranjo dos versos, compostos segundo as boas lições petrarquistas e camonianas.

Já nossa dissertação de mestrado¹ tentou resgatar tanto a vida quanto

¹ PEREIRA, Kênia Maria de Almeida. *Prosopopéia - poema de resistência*. Dissertação de mestrado - UNESP - São José do Rio Preto, São Paulo, 1993.

a obra de Bento Teixeira. Argumentamos que a *Prosopopéia* esconde astutamente, nas entrelinhas, um discurso de resistência religiosa e política; neste sentido, seria pertinente que os estudiosos procurassem lê-la com mais critério e menos preconceito, não constituindo, portanto, obra tão desprezível como julga a maioria dos críticos.

O poema épico *Prosopopéia* publicado um ano após a morte de Bento Teixeira, em 1601, tem como temática básica os feitos heróicos de Jorge de Albuquerque. Plasmado nos moldes da concepção épica, o poema se divide em Prólogo, no qual Bento Teixeira se dirige ao capitão e governador da Capitania de Pernambuco: Jorge d'Albuquerque Coelho. O poeta inicia tal narração com uma alusão à famosa *Ars Poética* horaciana, comparando a poesia à pintura, tudo isto misturado a um pedido de desculpa já que, modestamente, considera seus versos "rascunho" ou "primícias" com as quais ele pretende elogiar o governador.

Na proposição, Bento Teixeira se dispõe a cantar o "Albuquerque soberano" cujos feitos serão capazes de "estancar a Lácia e Grega ira" (I). Na estrofe seguinte, o poeta demonstra originalidade e contraria a tradição pois, diferentemente da maioria dos poetas clássicos, não evoca as Delficas irmãs, já que:

*...tal invocação é vão estudo;
Aquele chamo só, de quem espero
A vida que se espera em fim de tudo.
Ele fará meu Verso tão sincero,
Quanto fora sem ele tosco e rudo,
Que per rezão negar não deve o menos
Quem deu o mais a míseros terrenos.*

A Narração principia com a chegada da noite, trazendo consigo, além das "estrelas luzentes", o semi - deus Tritão, ornado ricamente de madrepérolas. Ele toca sua "sonoroza trombeta", convocando as deidades marinhas a ouvir *O Canto de Proteu*. Aliás, tal descrição do semi - deus Tritão muito se distancia daquela apresentada por Camões em *Os Lusíadas*, como canta o próprio Bento Teixeira nas duas estrofes que se seguem:

*Quando ao longo da praia, cuja area
É de Marinhas aves estampada,*

*E de encrespada Conchas mil se arrea,
 Assim de cor azul, como lavada,
 Do mar cortando a prateada vea,
 Vinha Tritão em cola duplicada,
 Não lhe vi na cabeça casca posta
 (Como Camões descreve) de Lagosta. (X)
 Mas ua Concha lisa e bem lavrada
 De rica Madrepérola trazia,
 De fino Coral crespo marchetada,
 Cujos labor o natural vencia.
 Estava nela ao vivo debuxada
 A cruel e espantosa bateria,
 Que deu a temerária e cega gente
 Aos Deoses do Ceo puro e reluzente. (XI)*

Em seguida, Bento Teixeira apresenta o “velho Proteu”, o deus dos vaticínios e das mil faces, capaz de se metamorfosear em inúmeros animais e objetos. Bento Teixeira reserva a ele a parte mais extensa do poema; *O Canto de Proteu*, composto de setenta e duas estrofes, nas quais serão previstos os sofrimentos, as lutas e as glórias dos Albuquerque.

*Vem o velho Proteu, que vaticina
 (Se fé damos à velha antigüidade)
 Os males a que a sorte nos destina,
 Nascidos da mortal temeridade.
 Vem nua e noutra forma peregrina,
 Mudando a natural propriedade.
 Não troque a forma, venha confiado,
 Se não quer de Aristeu ser sojigado. (XV)*

Em seguida, o poeta descreve em cinco estrofes o “Recife de Pernambuco”; que são, aliás, considerados por muitos críticos, como uma das mais belas e importantes do poema, já que há o prenúncio do nativismo e do ufanismo entre nós, fazendo referências, inclusive, à língua tupi-guarani:

*Em meio desta obra alpestre e dura,
 Ua boca rompeo o Mar inchado,
 Que, na língua dos bárbaros escura,*

*Paranambuco de todos é chamado.
De Para'na, que é Mar; Puca, rotura,
Feita com fúria desse Mar salgado
Que, sem no dirivar cometer minguá,
Cova do Mar se chama em nossa língua. (XIX)*

O poeta desenvolve, em seguida, o *Canto de Proteu*, no qual o semi - deus, mais uma vez, ousa e, diferentemente do que fizera seu mestre Camões, dispensa a ajuda das musas inspiradoras do Parnaso para contar as inúmeras façanhas dos Albuquerque, já que, como deus das metamorfoses e dos vaticínios, conseguirá sozinho tal desafio. A estrofe XXV, nos pode dar uma idéia dos elogios com que Bento Teixeira incensa o herói Albuquerque:

*A fama dos antigos coa moderna
fica perdendo o preço sublimado:
A façanha cruel, que a turva Lerna
Espanta com estrondo d'arco armado;
O cão de três gargantas, que na eterna
Confusão infernal está fechado,
Não louve o braço de Hércules Tebano,
Pois procede Albuquerque soberano.*

Na estrofe seguinte (XXVI), o semi-deus passa a vaticinar o futuro da capitania de Pernambuco:

*Vejo (diz o bom velho) que, na mente,
O tempo de Saturno renovado,
E a opulenta Olinda florescente
Chegar ao cume do supremo estado.
Será de fera e belicosa gente
O seu largo destricto povoado:
Por nome terá Nova Lusitânia,
Das Leis isenta da fatal insânia.*

Prossegue a narração com a exaltação dos demais feitos dos Albuquerque: a luta para disciplinar os indígenas e a expulsão dos holandeses das terras brasileiras. Bento Teixeira entremeia tais façanhas com exortações morais que para alguns críticos, como

Antônio Soares Amora (1959, 5), representam o que de melhor Bento Teixeira produziu:

*Ó sorte tão cruel, como mudável,
Por que usurpas aos bons o seu direito?
Escolhes sempre o mais abominável,
Reprovas e abominas o perfeito,
O menos digno fazes agradável,
O agradável mais, menos aceito.
Ó frágil, inconstante, quebradiça,
Roubadora dos bens e da justiça (XXXV)*

Proteu continua seus vaticínios, descrevendo a ida de Jorge a Portugal acompanhado de seu irmão Duarte de Albuquerque Coelho; no entanto, eles terão de enfrentar, corajosamente, a fúria do Oceano:

*Depois de ter o Bárbaro difuso
E roto, as portas fechará de Jano,
Por vir ao Reino do valente Luso
E tentar fortuna do Oceano".
Um pouco aqui Proteu, como confuso,
Estava receando o grave dano,
Que havia de crescer ao claro Herói
No Reino aonde vive Cimotoe*

Já na estrofe XLV, Proteu aponta o assassinato de inúmeros índios por Jorge como o estopim da revolta e vingança de Vulcano sobre os Albuquerque. É interessante observarmos como Bento Teixeira, criativamente, aponta os índios como descendentes diretos do deus Vulcano:

*Porque Lémnio cruel, de quem descende
A Bárbara progênie e insolência,
Vendo que o Albuquerque tanto ofende
Gente que dele tem a descendência,
Com mil meos ilícitos pretende
Fazer irreparável resistência
Ao claro Jorge, baroil e forte,
Em quem não dominava a vária sorte.*

Se, em *Os Lusíadas*, o maior inimigo da armada portuguesa é o deus Baco que convoca as divindades marinhas no intuito de destruir Vasco da Gama e seus companheiros, semelhantemente, na *Prosopopéia*, os Albuquerque enfrentarão a fúria de Vulcano que, a qualquer preço, tentará vingar o extermínio das tribos indígenas. Vulcano convoca ventos e tufões terríveis para ameaçar a vida dos navegantes, deixando apavorados até os imbatíveis Albuquerque:

*Logo da Pátria Eólia virão ventos,
 Todos como esquadrão mui bem formado
 Euro, Noto os Marítimos assentos
 Terão com seu furor demasiado.
 Fará natura vários movimentos,
 O seu Caos repetindo já passado,
 De sorte que os varões fortes e válidos
 De medo mostrarão os rostos pálidos.*

Em seguida, Bento Teixeira, inspirando-se num dos episódios do *Naufrágio da Nau Santo Antônio*, (Cap. XI, p.59-60) descreve, o trágico naufrágio que fora vítima a armada dos Albuquerque. A fome e a sede ameaçam a integridade moral dos navegantes que, desesperados, pretendem matar e comer a carne dos próprios companheiros:

*Se Jorge d' Albuquerque soberano,
 Com peito juvenil, nunca domado,
 Vencerá da fortuna e Mar insano
 A braveza e rigor inopinado,
 Mil vezes o Argonauta desumano,
 Da sede e cruel fome estimulado,
 Urdirá aos consortes morte dura,
 pera dar-lhes no ventre sepultura. (LVI)*

Jorge de Albuquerque tenta, com suas exortações morais, persuadir os navegantes de que tal ato “escassamente às feras só concede”, evitando assim a antropofagia entre eles.

Finalmente, a armada chega a Lisboa. Bento Teixeira descreve com maestria, na estrofe LXVIII, os navegantes que, pagando promessas e agradecendo aos céus por se encontrarem ainda vivos, entram na cidade

descalços, em procissão:

*À cidade de Ulisses destroçados
Chegarão da Fortuna e Reino salso
Os Templos visitando e Consagrados
Em procissão, e cada qual descalço
Desta maneira ficarão frustrados
Os pensamentos vãos de Lémnio falso,
Que o mal tirar não pode o benefício
Que ao bom tem prometido o Ceo propício.*

Os Albuquerque se juntam ao rei Dom Sebastião e assim partem para a África onde lutarão na famosa batalha de Alcácer - Quibir. Bento Teixeira nos remete ao famoso e histórico episódio, a trágica morte de D. Sebastião nas mãos do inimigo. Na estrofe LXXVI, presenciaremos o esforço inútil de Jorge para tentar salvar, desesperadamente, a vida do grande rei de Portugal:

*Tão infelice Rei, como esforçado,
Com lágrimas de tantos tão pedido,
Com lágrimas de tantos alcançado,
Com lágrimas do Reino, em fim perdido.
Vejo-vos co cavalo já cansado,
A vós, nunca cansado, mas ferido,
Salvai em este meu a vossa vida,
Que ã minha pouca vai em ser perdida.*

Morre D. Sebastião e os Albuquerque não têm melhor sorte: ambos ficam cativos nas mãos dos mouros. Duarte não suporta os maus tratos nos calabouços e vem a falecer. Jorge é resgatado, não antes de pagar altas somas em dinheiro pela liberdade. Proteu relembra ainda que toda Olinda ficará em pranto pela morte do grão Duarte e só conseguirá finalmente ser consolada, quando Jorge se realizar como legítimo herdeiro da Capitania de Pernambuco.

*Mas, enquanto te dão a sepultura,
Contemplo a tua Olinda celebrada,
Coberta de fúnebre vestidura,
Inculto, sem feição, descabelada.*

*Quero-a deixar chorar morte tão dura
 'Te que seja de Jorge consolada,
 Que por ti na Ulissea fica em pranto,
 Em quanto me disponho a novo Canto.*

Na estrofe XCII, Proteu se despede e, tal qual Camões em seu famoso verso "No mais, Musa, no mais que a Lira tenho / Destemperada e a voz enrouquecida", também alega cansaço, resolvendo dar fim à narrativa:

*"Não mais, espírito meu, que estou cansado,
 Deste difuso, largo e triste Canto,
 Que o mais será de mim depois cantado
 Per tal modo, que cause ao mundo espanto.
 Já no balcão do Ceo o seu tocado
 Solta Vênus, mostrando o rosto Sancto;
 Eu tenho respondido co mandado
 Que mandaste Neptuno sublimado".*

Bento Teixeira, na penúltima estrofe, ainda consegue nos surpreender, fazendo com que o temeroso deus Netuno se arrependa da cruel perseguição infligida aos Albuquerque. Ora, tal episódio demonstra, mais uma vez, que Bento Teixeira de forma original fugiu ao modelo camoniano, já que em momento algum em *Os Lusíadas*, o temeroso Baco, correspondente de Netuno na *Prosopopéia*, se arrepende das dificuldades que impusera à armada portuguesa:

*Assim diz; e com alta Majestade
 O Rei do Salso Reino, ali falando,
 Diz: — Em satisfação da tempestade
 Que mandei a Albuquerque venerando,
 Pretendo que a mortal posteridade
 Com Himnos o ande sempre sublimando,
 Quando vir que por ti o foi primeiro,
 Com fatídico espírito verdadeiro.*

No epílogo, Proteu, parte em seu "Carro de Cristal Lustroso" e acompanhado pelos demais deuses participantes do Concílio, Bento Teixeira aproveita ainda para justificar que escrevera a *Prosopopéia*

para ir aprimorando suas rimas:

*Aqui deu [fim] a tudo, e brevemente
 Entra no carro [de] Cristal Lustroso;
 Após dele a demais Cerúlea gente
 Cortando a vea vai do Reino acoso.
 Eu, que a tal espetáculo presente
 Estive, quis em Verso numeroso
 Escrevê-lo por ver que assim convinha
 Pera mais perfeição da Musa minha.*

Este é, em suma, o resumo do primeiro poema épico publicado no Brasil, ou seja, a leitura que a maioria dos estudiosos fizeram, esquecendo, no entanto, que a *Prosopopéia* encobre astutamente uma segunda leitura, só desvelada por estudos mais atentos e minuciosos. Assim, nos deparamos com alguns críticos que, fugindo a esta interpretação superficial e óbvia do poema *Prosopopéia*, revelaram detalhes e comentários que a crítica tradicional não levou em consideração.

O primeiro destes críticos talvez seja Arnold Wiznitzer (1963,26) que acredita ver, na gravura estampada ao final do poema, uma fênix, símbolo da congregação "Neweh Shalom", fundada por judeus no início do século XVI em Portugal. Wiznitzer faz menção ainda ao fato de, na estrofe VI, aparecerem os quatro elementos básicos vitais à vida (ar, fogo, mar, terra), também um símbolo hebreu e cabalístico.²

O historiador Nelson Omega (1969, 74) concorda com todas estas observações, acrescentando ainda outras marcas de evidente judaísmo inerentes ao poema, como por exemplo, o "monoteísmo intransigente" que flui na segunda estrofe do poema. Outra historiadora a perceber sinais de cripto-judaísmo na *Prosopopéia* é Sônia Aparecida Siqueira (1972, 395 - 467), que, embora sem mencionar as observações iniciais de Wiznitzer e Omega, reforça e as desenvolve. Siqueira busca o cripto-judeu em Bento Teixeira, o poeta que desafiava normas e não conseguia se adaptar ao meio - ambiente hostil e anti-semita da época colonial. Afirma a estudiosa ser Bento Teixeira um indivíduo angustiado

² Segundo alguns tratados cabalísticos, cada ponta da Estrela de Davi representa um dos quatro elementos básicos da natureza: água, terra, fogo, ar.

pela dubiedade, já que, apenas exteriormente, se mantinha cristão: no ambiente reservado do lar cumpria os mandamentos da lei mosaica.

Ainda para Sônia Siqueira, o poeta era um desajustado, não aceitando nem sua condição de simples professor e homem do povo, nem o fato de ter de passar o resto da vida simulando ser cristão. Teria buscado, assim, na Literatura, tanto a ascensão social, como um meio de inserir mensagens de fé judaica aos marranos. São várias as passagens que, segundo Sônia, estariam revestidas de mensagens judaicas. A primeira delas seria a idéia de um Deus único, reforçada na segunda estrofe da *Prosopopéia*:

*As Dêlficas irmãs chamar não quero,
Que tal invocação é vão estudo;
Aquele chamo só, de quem espero
A vida que se espera em fim de tudo.
Ele fará meu Verso tão sincero,
Quanto fora sem ele tosco e rudo,*

Depois viria ainda a possível alusão feita, em tom velado, à Aliança, presente nos dois últimos versos desta mesma estrofe:

*Que per rezão negar não deve o menos
Quem deu o mais a míseros terrenos.*

Siqueira destaca outros momentos no poema que teriam nítidos traços de cripto-judaísmo, todos eles, segundo a historiadora, comunicados de maneira cautelosa e sutil à comunidade judaica. Assim sendo, o poeta teria mencionado a consciência de pertencer a um grupo condenado ao sofrimento, perceptível neste verso da estrofe XV:

Os males a que a sorte nos destina,

ou ainda a tolerância para com os judeus, maior em Olinda que na metrópole (estrofe XXVI):

*Vejo (diz o bom velho) que, na mente,
O tempo de Saturno renovado,
E a opulenta Olinda florescente*

*Chegar ao cume do supremo estado.
Será de fera e belicosa gente
O seu largo dstricto povoado;
Por nome terá Nova Lusitânia;
Das Leis isenta da fatal insânia.*

A historiadora enumera, além deste, outros vários momentos que ela credita ser de feição judaica: o personagem Proteu como narrador, deus que pode adquirir aparências falsas e difícil de ser apanhado; as dificuldades enfrentadas pelos companheiros em manterem-se cripto-judeus; a ingratidão dos poderosos e do rei para com os judeus, bem como a necessidade de os judeus não perderem a fé e de não se afastarem dos caminhos traçados pelo Senhor.

Ao final do ensaio (p.467) Siqueira conclui ainda que “aparentemente perdedor do conflito com a inquisição, Bento Teixeira terá sido talvez, no Brasil Colônia, o único homem que enganou o Santo Ofício”.

Digno também de menção é o livro de Luiz Roberto Alves: *Confissão, Poesia e Inquisição* (1983), inteiramente voltado para o estudo de Bento Teixeira, sua vida e seus textos. Baseado no *Processo Inquisitorial 5.206* da Inquisição lisboense e no poema *Prosopopéia*, é uma instigante monografia resgatando o perfil de Bento Teixeira, bem como sua visão-de-mundo sobre a época colonial brasileira. Fornece, ainda, informações novas sobre o controvertido poeta, juntamente com uma interpretação da *Prosopopéia* que foge às tradicionais.

Luiz R. Alves define a *Prosopopéia* e o *Processo* como textos escritos no sentido de o poeta harmonizar-se com o mundo contra-reformista e não de querer enganá-lo com mensagens camufladas de cunho judaico. Ou, como o próprio Luiz R. Alves (1983, 128-9) afirma: “Bento Teixeira, fazendo escapular da sua fala, e principalmente de sua escritura, elementos de outras ordens, no entanto escreve concertadamente para olhos e orelhas contra-reformistas, não para enganá-los (porque esse é o mundo que o forjou), mas para harmonizar-se com esse mundo”.

A tese de Luiz R. Alves, portanto, se opõe à defendida por Sônia Siqueira, já que o próprio Luiz Roberto Alves (p.129) questiona: “o que esconde a escritura de Bento Teixeira, posições religiosas judaicas?”

Não. Os fatos religiosos são revelados e o são com tal amplitude que ganham a devida posição numa terra tão misturada de crenças como o Brasil; perdem, como vimos, as marcas específicas de um rito — embora não plenamente e se encrustam nos galhos muitos do folclore, indício da singular revolução religiosa que se opera nesta terra do Brasil e que faria corar Santo Inácio de Loyola”.

Diante destes comentários, parece que Luiz R. Alves exagera em não admitir que traços notadamente judaicos na *Prosopopéia* sejam um fator determinante de interpretação e em encará-la apenas como confissão de um réu que tenta provar sua reconciliação com o mundo da Inquisição e sua conseqüente conversão ao catolicismo.

O fato de, em nossa dissertação de mestrado, termos feito uma análise rigorosa do vocabulário do poema *Prosopopéia* e uma comparação simultânea com o vocabulário de *Os Lusíadas* inscreveu-se nessa tentativa de observar o não observado. Fizemos um levantamento minucioso de todos os substantivos, adjetivos e verbos que compõem o Poema e confrontamos com aqueles da épica camoniana. O resultado muito nos surpreendeu. Diante de dados estatísticos objetivos percebemos que nove foram os vocábulos mais empregados por ambos os poetas em suas obras: *gente, terra, rei, mar, água, mundo, céu, reino, peito, sorte*. No entanto tais repetições, longe de serem um indicativo de plágio ou cópia, é mero sintoma de que utilizaram a mesma língua e o assunto de ambas as epopéias se desenvolve baseadas em aventuras marítimas. É, afinal de contas, a época das grandes navegações, e as naus são os meios de transporte da época. Viviam ambos os poetas sob o regime da monarquia e dependentes do aval do rei e da religião para a realização de qualquer empreendimento, o que explica os elogios aos poderosos em ambas as epopéias e a constância dos vocábulos: *rei e reino*.

Tal confronto nos levou a concluir que, embora Bento Teixeira, tenha se servido do vocabulário camoniano, tentou, sempre que possível, diversificar, colocando componente próprio não apenas na diferença de vocábulos, mas também na diversidade de usos e combinatórias em sintagmas como podemos observar com o confronto do vocábulo *mar*:

De Cila e de Caribdis o mar bravo, (Lus. 2º Canto, est. XLV)
Vencerão o furor do Mar bravíssimo, (Pros., LXVII, 6)

- Nos recebes em paz, do mar profundo*, (Lus. 2º Canto, est. CV)
E Neptuno gemer no Mar profundo, (Pros. XIII, 8)
Que, porque no salgado mar nasceu, (Lus. 2º Canto, est. XIX)
Feita com fúria desse Mar salgado, (Pros. XIX, 6)
Rompendo a força do líquido estanho. (Lus. 8º Canto, est. LXXIII)
E no estanhado Mar resplandeciam, (Pros. IX, 2)
Dos mares experimenta a fúria insana; (Lus. 2º Canto, est. CIV)
Vencerá da Fortuna e Mar insano, (Pros. LVI, 3)

Dentro deste universo da intertextualidade, Bento Teixeira busca como fonte de inspiração, para criar seu texto, o vate português; não plagiando ou copiando servilmente, pois *Prosopopéia* tem enredo e desenvolvimento próprios. Também em nenhum momento ridiculariza seu modelo através de procedimentos parodísticos, nem tampouco, Bento Teixeira parafraseou, pois o assunto de seu poema é outro. Na verdade, Bento Teixeira mantém, por estilização, os ingredientes básicos da epopéia. Evidentemente, vários momentos da *Prosopopéia* nos remetem automaticamente ao texto camoniano, em um constante diálogo intertextual próprio do Renascimento, em que eleger um grande poeta para se tornar guia e mentor dos escritores principiantes era artifício comum e encorajado. Interessante lembrarmos aqui o filósofo francês Jacques Derrida (1971, 108), que concebe a intertextualidade como um “tecido” formado a base de “fios”, tomados emprestados de outros textos. Este processo parece ser o percorrido pelo autor da *Prosopopéia*, já que tal obra é “tecida” com fios emprestados não só de *Os Lusíadas* (1921), como também de episódios do *Naufrágio da Nau Santo Antônio* (1920), da *Eneida* (1970) e das *Metamorfoses* (1970).

O Episódio aproveitado por Bento Teixeira do texto *Naufrágio* dos pilotos Afonso Luis e Antônio de Castro é exatamente a passagem dramática em que se vê envolvido Jorge D’Albuquerque e seus companheiros na travessia da nau para Lisboa. A fome e o desespero tomam conta da maioria, e muitos se viram na iminência de devorar os corpos dos companheiros mortos. Bento Teixeira aproveita parte deste episódio e o reescreve em 13 estrofes (da LV à LXVII).

Quanto às passagens inspiradas em *Metamorfoses* de Ovídio, lembremos, por exemplo, quando Bento Teixeira, tal qual o poeta latino, também cita as "Délficas irmãs" (II, 1), inspiradoras das Artes e das Ciências.

Há ainda alguns momentos virgilianos que despontam aqui e ali no poema, como por exemplo, a descida de Enéias aos infernos, logo na primeira estrofe que abre a *Prosopopéia*; o poeta se refere a Virgílio como o "Mantuano" e a Enéias, o "Rei Troiano".

Observada a intertextualidade, sob a óptica de Julia Kristeva (1974) que concebe todo texto como absorção e transformação de outros textos, a *Prosopopéia* absorve, assim, duas obras diferentes - *Os Lusíadas* e o *Naufrágio da Nau Santo Antônio* -, contudo, Bento Teixeira "tece" seu poemeto, procurando imprimir nele estilo próprio. Podemos, desta maneira, absolver o poeta das acusações de mero plagiador: em vários momentos buscou caminhos próprios e às vezes chegou a obter êxito, sem, entretanto, elevar-se à galeria das grandes obras do gênero. O julgamento de valor, todavia, ou o fato de não ter feito grande obra não deve servir de base à condenação sumária do poeta e da sua obra, nem, tampouco, justificar o abandono de seu estudo.

Bibliografia

- ALBUQUERQUE, Moacir: "Notas sobre Bento Teixeira", in *Cultura*, n. 6, ano IV, p. 119 - 29, 1954.
- ALVES, Luiz Roberto. *Confissão, Poesia, Inquisição*. São Paulo, Ática, 1983.
- BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da Poesia Brasileira*. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1967.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1976.
- CALMON, Pedro. *História do Brasil: Século XVI - as origens, Século XVII - formação brasileira*, Vol. II, Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.
- CAMÕES, Luis de. *Os Lusíadas*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1980.
- . *Os Lusíadas*. Porto. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1921.
- CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1981. 2 vols.
- . *Presença da Literatura Brasileira e Antologia: Das origens ao realismo*. São Paulo, Difel, 1985.

- CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, Letras e Artes, 1964.
- CARVALHO DA SILVA, Domingos. *A Literatura no Brasil* (org. Afrânio Coutinho) Vol. I, Rio de Janeiro, Sul - Americana, 1968.
- CARVALHO, Ronald de. *Pequena História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, Briguet, 1968.
- CHOCLAY, Rogério. "Bento Teixeira: o verso no verso". *Revista de Letras*, São Paulo, nº 31, p. 17 - 31, 1991.
- COUTINHO, Afrânio. *Notas de Teoria Literária*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.
- *A Literatura no Brasil: era barroca - era neoclássica*. Vol. II, Rio de Janeiro, José Olympio, 1986.
- DALLOZ, Júlio Aldinger. "A Prosopopéia: uma leitura maneirista? (I), (II), (III). *Suplemento Literário do Jornal O Estado de Minas Gerais*, ano XV, n. 832.11/9/82, p.8.
- DERRIDA, Jacques. "Semiologia e Gramatologia" in *Ensaio de Semiologia*, KRISTEVA et alii (org.), Rio de Janeiro, Eldorado, 1971.
- FREYRE, Gilberto. "Acerca da Prosopopéia", *Revista de História de Pernambuco*. Recife, n. 1, ps XVII a XX e 2 - 61, agosto, 1927.
- GALANTE DE SOUSA, J. *Em torno do poeta Bento Teixeira*. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros da USP, 1972.
- HOMERO. *Eneida*, Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1970.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à Semanálise*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- LIMA, Alceu de Amoroso. *Quadro Sintético da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, Agir, 1959.
- LUFT, Celso Pedro. *Dicionário de Literatura Portuguesa e Brasileira*. Porto Alegre, Globo, 1967.
- LUIZ, Afonso; CASTRO, Antônio. *Naufração da Nau Santo Antônio*, 1920.
- MELLO FRANCO, Afonso Arinos de. *Mar de Sargãos*. São Paulo, Martins, 1944.
- MERGUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1979.
- MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira: origens, barroco, arcadismo*. São Paulo, Cultrix, 1990.
- MOTA, O. "Bento Teixeira e a Prosopopéia". *Revista da Academia Paulista de Letras*, São Paulo, n. 1, p. 31 - 45, nov. 1937.
- OMEGNA, Nelson. *Diabolização dos judeus: martírio e presença dos sefardins no Brasil colonial*. Rio de Janeiro, Record, 1969.
- OVÍDIO. *Metamorfoses*. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1970.
- RAMOS, Pericles Eugênio da Silva. *Do barroco ao modernismo*. São Paulo, Comissão Estadual de Literatura, 1968.

- RIBEIRO, João. "Bento Teixeira", in *Crítica, Clássicos e Românticos Brasileiros*, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1952.
- ROMERO, Silvio. *História da Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1953, Vol. II.
- SIQUEIRA, Sônia Aparecida. "O cristão - novo Bento Teixeira: cripto - judaísmo no Brasil Colônia". *Revista de História*. São Paulo, Vol. XLIV, nº 90, p. 395 - 467. Abril / Junho, 1972.
- SOARES AMORA, Antônio. *Panorama da poesia brasileira - era luso - brasileira*. Vol. I, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1959.
- TEIXEIRA, Bento. *Prosopopéia*. Introdução, estabelecimento do texto e comentários de Celso Cunha e Carlos Durval. São Paulo, Melhoramentos, 1977.
- TELES, Gilberto de Mendonça. *Camões e a poesia brasileira*. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1979.
- *A Retórica do Silêncio*. São Paulo, Cultrix, 1979.
- VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1915.
- WIZNITZER, Arnold. "Bento Teixeira, autor da Prosopopéia" in *Aonde Vamos?* Rio de Janeiro. Seminário judaico independente do Brasil. ano XII, nº 502. p. 2 - 6. Janeiro, 1953.

- RIBEIRO, João. "Bento Teixeira", in *Crítica, Clássicos e Românticos Brasileiros*, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1952.
- ROMERO, Silvio. *História da Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1953, Vol. II.
- SIQUEIRA, Sônia Aparecida. "O cristão - novo Bento Teixeira: cripto - judaísmo no Brasil Colônia". *Revista de História*. São Paulo, Vol. XLIV, nº 90, p. 395 - 467. Abril / Junho, 1972.
- SOARES AMORA, Antônio. *Panorama da poesia brasileira - era luso - brasileira*. Vol. I, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1959.
- TEIXEIRA, Bento. *Prosopopéia*. Introdução, estabelecimento do texto e comentários de Celso Cunha e Carlos Durval. São Paulo, Melhoramentos, 1977.
- TELES, Gilberto de Mendonça. *Camões e a poesia brasileira*. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1979.
- *A Retórica do Silêncio*. São Paulo, Cultrix, 1979.
- VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1915.
- WIZNITZER, Arnold. "Bento Teixeira, autor da Prosopopéia" in *Aonde Vamos?* Rio de Janeiro. Seminário judaico independente do Brasil. ano XII, nº 502. p. 2 - 6. Janeiro, 1953.